

A ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Carla Marques¹, Ana Paula Cardoso², João Rocha³

¹ Instituto Politécnico de Viseu, CI&DETS, ESEV (PORTUGAL), carla_m_762@hotmail.com

² Instituto Politécnico de Viseu, CI&DETS, ESEV (PORTUGAL), a.p.cardoso@esev.ipv.pt

³ Instituto Politécnico de Viseu, CI&DETS, ESEV (PORTUGAL), jorochoa@esev.ipv.pt

Resumo

Num mundo em constante mudança, em que a especialização dos saberes é cada vez maior, a interdisciplinaridade surge como uma resposta promissora, na medida em que permite a quebra de fronteiras das disciplinas e a articulação dos saberes, proporcionando ao aluno uma visão mais abrangente dos mesmos.

Um dos domínios em que a interdisciplinaridade assume particular relevância, nomeadamente no 1.º Ciclo do Ensino Básico é o da Educação Sexual, uma temática multidimensional e abrangente, cujos conteúdos “podem ser interligados, sem artificialidade, com os de Língua Portuguesa, do Estudo do Meio, da Matemática e das Expressões” (Ministério da Educação e Ministério da Saúde, 2000, p. 72).

Neste contexto, procurámos averiguar se a prática pedagógica interdisciplinar é facilitadora das aprendizagens no 1.º Ciclo, nomeadamente no que se refere à temática da Educação Sexual. Em termos empíricos, realizámos uma investigação sobre a própria prática, no âmbito do estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico, com alunos de uma turma do 2.º ano de escolaridade, abordando de forma interdisciplinar três blocos desta temática: hábitos de higiene, diferenças entre o corpo masculino e o feminino e questões de género. Para a recolha de dados, recorremos à observação naturalista e ao registo de notas de campo, bem como ao inquérito por questionário.

Os dados obtidos permitem concluir que a abordagem interdisciplinar da Educação Sexual promove as aprendizagens no 1.º Ciclo, em concordância com documentos de referência que defendem essa prática pedagógica como sendo facilitadora das mesmas. Comparando os dados obtidos no pré-teste e no pós-teste, verificamos uma mudança nos conhecimentos prévios dos alunos, nos vários blocos abordados, com maior destaque no que concerne às diferenças entre o corpo masculino e feminino. De sublinhar também o facto de os alunos se envolverem ativamente nas aprendizagens e demonstrarem curiosidade e interesse em saber mais.

Palavras-chave: 1.º Ciclo do Ensino Básico, Educação Sexual, Interdisciplinaridade, Prática de Ensino Supervisionada.

Abstract

In a constantly changing world with increasing specialisation of knowledge, interdisciplinarity emerges as a promising response, in that it allows borders to be broken down between disciplines and knowledge to be interconnected, providing students with a broader view.

One of the areas where interdisciplinarity is particularly important, especially in the 1st cycle of basic education [the 1st four years of schooling] is sex education, a multidimensional and comprehensive subject, whose contents “can be interconnected without artificiality with Portuguese, social studies and science, mathematics and expressions” (Ministério da Educação e Ministério da Saúde, 2000, p. 72).

In this context, we tried to learn whether interdisciplinary teaching facilitates learning in the 1st cycle, particularly with regard to sex education. Empirically, we conducted an investigation into the practice itself, within the 1st cycle internship, with students in a class in the 2nd year of schooling. We addressed three blocks on this topic in an interdisciplinary way: hygiene, differences between the male and female body and gender issues. Data was collected, using naturalistic observation and recording field notes as well as a survey by questionnaire.

The data obtained allow us to conclude that the interdisciplinary approach to sex education promotes learning in the 1st cycle, in accordance with the reference literature which defends this teaching practice as a facilitator. Comparing the data obtained in the pre-test and the post-test, we found a

change in students' prior knowledge in the various blocks, most notably with regard to the differences between the male and female body. It is also worth noting that the students were actively involved in learning and showed curiosity and interest in knowing more.

Keywords: 1st Cycle of Basic Education, Sex Education, Interdisciplinarity, Supervised Teaching Practice.

1 INTRODUÇÃO

O 1.º Ciclo do Ensino Básico, segundo o Ministério da Educação (2004), “constitui-se como a etapa da escolaridade em que se concretiza o princípio democrático que informa todo o sistema educativo e contribui, por sua vez, para aprofundar a democratização da sociedade” (p.11). Este nível de ensino é regido por três grandes princípios, a saber: i) criar condições para um crescimento harmonioso da criança; ii) proporcionar a aquisição de saberes, assim como o seu domínio; iii) desenvolver valores, atitudes e práticas que contribuam para a formação de cidadãos conscientes e participativos numa sociedade democrática.

Este é caracterizado pela integração dos saberes, ao invés da disciplinarização, ou seja, a segmentação que tende a prevalecer noutros ciclos de ensino (Ministério da Educação, 2001). Assim, na lecionação de um determinado assunto, cabe ao professor relacionar os conteúdos abordados, promovendo o cruzamento dos saberes disciplinares, para que os alunos percebam a realidade como um todo globalizado (Pombo, Guimarães & Levy, 1993).

Neste contexto, a interdisciplinaridade surge como uma resposta promissora que permite a quebra de fronteiras das disciplinas e a articulação dos saberes. Nas palavras de Japiassu (1976), ela constitui “um gigantesco, mas indispensável esforço que muitos pesquisadores realizam para superar o estatuto de fixidez das disciplinas e para fazê-las convergir pelo estabelecimento de elos e de pontes entre os problemas que elas colocam” (p. 52).

Como admite Pacheco (2001), esta “não rompe com as disciplinas, apenas procura abordar os conteúdos curriculares a partir da integração ou da visão global das diferentes disciplinas” (p. 84). Assim sendo, ela é uma estratégia que o professor pode utilizar no processo de ensino-aprendizagem, indo em sentido oposto ao ensino tradicional em que prevalece a transmissão de conhecimentos, organizados em especialidades diversas.

A interdisciplinaridade verifica-se com uma maior frequência em vários domínios e níveis de ensino, em particular no 1.º Ciclo, pela iniciativa dos professores que trabalham nas escolas, em regime de monodocência, envolvendo o trabalho em colaboração entre as várias disciplinas (Pombo et al., 1993).

No âmbito da formação inicial do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, a prática supervisionada no 1.º Ciclo suscitou-nos, desde logo, o interesse em aprofundar mais as potencialidades de uma prática pedagógica interdisciplinar, nomeadamente no domínio da Educação Sexual. Conforme apurámos, as estratégias de lecionação desta temática não se concebem de forma isolada das restantes, mas sim em articulação com as outras áreas que constituem o currículo, ou seja, os seus conteúdos podem ser interligados, sem artificialidade, com os da Língua Portuguesa, do Estudo do Meio, da Matemática e das Expressões” (Ministério da Educação e Ministério da Saúde, 2000, p.72).

A Educação Sexual em meio escolar é de carácter obrigatório e destina-se a todos os estabelecimentos de ensino. A sua carga horária deve ser adaptada a cada nível de ensino e a cada turma, não devendo ser inferior a seis horas para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, distribuídas de forma equilibrada pelos diversos períodos do ano letivo (artigo 5.º da Lei n.º 60/2009 de 6 agosto).

O manual de “Educação Sexual em Meio Escolar – Linhas Orientadoras” (2000), emanado pelo Ministério da Educação e Ministério da Saúde, estabelece como finalidade básica da Educação Sexual para o 1.º Ciclo: “Contribuir para que as crianças construam o ‘Eu em relação’, através de um melhor conhecimento do seu corpo, da compreensão da sua origem, da valorização dos afetos e da reflexão crítica acerca dos papéis sociais de ambos os sexos” (p.66).

Tendo em conta a faixa etária das crianças, os conteúdos a abordar na educação sexual no 1.º e 2.º anos de escolaridade são: “noção de corpo; o corpo em harmonia com a Natureza e o seu ambiente social e cultural; noção de família; diferenças entre rapazes e raparigas; e, por fim, proteção do corpo

e noção dos limites, dizendo não às aproximações abusivas” (Portaria n.º 196-A/2010, de 9 de abril, p. 3).

Neste contexto, delineámos uma investigação empírica que procura averiguar se a abordagem pedagógica interdisciplinar da Educação Sexual é, ou não, facilitadora das aprendizagens no 1.º Ciclo do Ensino Básico, partindo do pressuposto de que a investigação é um processo através do qual os professores ampliam os seus conhecimentos e competências profissionais e contribuem para a melhoria do trabalho nas escolas.

2 METODOLOGIA

2.1 Problema e objetivos do estudo

A investigação realizada incidiu sobre a própria prática, na lecionação da temática de Educação Sexual no 1.º Ciclo, através de uma abordagem pedagógica interdisciplinar. De forma concisa, o problema foi definido nos seguintes termos: “Será que a abordagem pedagógica interdisciplinar da Educação Sexual em sala de aula é facilitadora das aprendizagens no 1.º Ciclo do Ensino Básico?”.

Para dar resposta ao problema, formularam-se alguns objetivos: *i)* averiguar o grau de conhecimento prévio dos alunos sobre a sexualidade; *ii)* abordar, de forma interdisciplinar, a educação sexual no 1.º Ciclo do Ensino Básico; *iii)* analisar a evolução dos conhecimentos dos alunos sobre a sexualidade, após as sessões de intervenção; *iv)* identificar as principais dificuldades na abordagem pedagógica da Educação Sexual do 1.º Ciclo do Ensino Básico; *v)* identificar as facilidades relativas à abordagem da Educação Sexual de forma interdisciplinar; *vi)* caracterizar o interesse dos alunos pelo trabalho desenvolvido.

2.2 Tipo de investigação

Face aos objetivos definidos, optámos por realizar um estudo qualitativo (Bogdan & Biklen, 1994), mais orientado para a compreensão dos fenómenos, do que para o estabelecimento de relações de causalidade. Segundo os autores citados, esta é um tipo de pesquisa que tem como fonte direta de dados o ambiente natural e em que o investigador centra a sua atenção nos significados, a fim de compreender o que os sujeitos pensam, captando a perspetiva dos participantes.

Trata-se de uma investigação comumente designada por “qualitative practitioner research”, ou investigação sobre a prática. Nas palavras de Anderson, Herr e Nihlen (1994), esta é “uma investigação ‘de dentro’, realizada pelos práticos (os que trabalham em contextos educacionais), utilizando os seus próprios locais (classe, instituição, escola, comunidade), como foco do seu estudo” (p. 2). Como salientam os autores, ela envolve um processo reflexivo que ocorre de modo deliberado e sistemático, e requer a sustentação em alguma forma de evidência para suportar as asserções.

2.3 Participantes e sua caracterização

Esta investigação foi realizada numa turma do 2.º ano de escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico, de uma escola pública de um grande agrupamento de escolas do município de Viseu. É uma amostra intencional, não probabilística (Pardal & Lopes, 2011), selecionada por razões de ordem prática, dado que íamos estagiar com esta turma do 1.º Ciclo, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sendo este nível de escolaridade o pretendido para esta investigação.

Em termos gerais, a turma era composta por um total de 20 alunos, 10 meninas e 10 meninos, com idades compreendidas entre os 7 e os 8 anos. Os alunos são provenientes, maioritariamente, de agregados de tipo nuclear: catorze alunos moram com o pai, a mãe e os irmãos e em alguns casos avós. A maioria dos pais tem habilitação académica superior ao 9.º ano e, à exceção de três progenitores (dois pais e uma mãe), estavam todos empregados. De notar que quatro alunos requeriam um acompanhamento individualizado por revelarem necessidades específicas diversas ao nível da aprendizagem.

2.4 Técnicas e instrumentos de pesquisa

Foram utilizadas várias técnicas de recolha de dados, afim de conseguir uma maior amplitude de informações. Começámos por efetuar uma pesquisa documental, analisando o Projeto Educativo de

Agrupamento, o Plano de Turma, a legislação que orienta a lecionação da temática da Educação Sexual e os processos individuais dos alunos, para uma breve caracterização dos mesmos do ponto de vista sociodemográfico.

Posteriormente, utilizámos um questionário, elaborado para o efeito, subdividido em três blocos de questões: hábitos e cuidados de higiene; diferenças entre o corpo masculino e o corpo feminino; questões de género. Para a sua construção recorremos a instrumentos já existentes, nomeadamente do Programa Regional de Educação Sexual em Saúde Escolar (PRESSE) promovido pela Administração Regional de Saúde do Norte (Sousa, Gonzaga, Guimarães & Luís, s.d.) que apoia a implementação da Educação Sexual em meio escolar.

Os dados recolhidos no pré-teste foram analisados para perceber quais as concepções iniciais dos alunos nos três domínios visados e, após a abordagem da temática, no pós-teste, voltámos a aplicar o questionário, a fim de verificar a evolução dos conhecimentos.

Recorremos também à observação direta, de tipo naturalista, com a recolha de notas de campo. Segundo Bogdan e Biklen (1994), estas consistem no “relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (p. 150). As mesmas foram determinantes na investigação desenvolvida, permitindo compreender os significados atribuídos pelos sujeitos às ações desenvolvidas.

2.5 Tratamento e análise dos dados

Com base nos dados obtidos através da pesquisa documental, do questionário e das notas de campo, foi realizada a sistematização e a análise e interpretação dos mesmos.

Para a sistematização dos dados quantitativos dos questionários, do pré-teste e do pós-teste, preenchidos pelos alunos, utilizámos a estatística descritiva simples, através do cálculo de frequências absolutas e frequências relativas percentuais.

Para o tratamento dos dados qualitativos recorremos à análise de conteúdo, “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin, 2004, p. 37).

A análise e a interpretação dos dados tiveram por base as notas de campo e os dados obtidos através da aplicação dos questionários, inicial e final, a fim de entender com mais detalhe a receptividade dos alunos a esta abordagem interdisciplinar e retirar as devidas conclusões.

2.6 Atividades desenvolvidas no âmbito das intervenções

O processo iniciou-se com a definição daquilo que seria mais premente trabalhar ao nível da Educação Sexual, devido ao pouco tempo que tínhamos para abordar uma temática tão vasta. Todas as sessões foram planificadas de forma detalhada e os materiais necessários foram elaborados previamente. Definiram-se então três blocos a ser abordados: *i)* Higiene; *ii)* Diferenças entre o corpo masculino e feminino; *iii)* Questões de género. Ao longo de todas as intervenções foram retiradas notas de campo.

No *dia 26 de novembro de 2014*, realizou-se o pré-teste, com a aplicação do questionário, de forma individual e anónima, com a duração de 40 minutos. Ainda no mesmo dia, começámos a trabalhar esta temática e lecionámos o primeiro bloco: Higiene.

Para iniciar a intervenção, partimos de uma história em que o protagonista não tinha bons hábitos de higiene e, após a leitura da mesma, desenvolveu-se um diálogo, em grande grupo, de forma a percebermos quais os conhecimentos que os alunos já possuíam acerca deste assunto. Desse diálogo resultou um registo escrito, em grande grupo, acerca dos hábitos de higiene relatados pelos alunos, os quais foram transcritos para o caderno de Português. Logo a seguir, os alunos resolveram uma ficha sobre higiene do corpo, constante do manual de Estudo do Meio (Lima, Barrigão, Pedroso & Rocha, 2012). Através da resolução deste exercício, conseguimos rever os órgãos dos sentidos e falar sobre a importância da vacinação.

De seguida, solicitámos aos alunos, oralmente, que partilhassem com a restante turma o trabalho de casa referente ao registo do número de horas que habitualmente dormem por noite. Esses números foram anotados no quadro e depois organizados. Conduzimos os raciocínios dos alunos até chegarmos ao pretendido: podíamos organizar aqueles números através de conjuntos e ao mesmo

tempo comparar com o número de horas de sono desejável nestas idades. Chegámos, assim, à conclusão de que um aluno dormia menos de 9 horas, três alunos dormiam 9 horas e dezasseis alunos dormiam mais de 9 horas (entre 9h30 a 10h00), sendo que o desejável nestas idades é dormir entre 10 a 11 horas. Assim, verificámos que a maior parte dos alunos dormia as horas tidas como necessárias. Como forma de resumir os conteúdos abordados, criámos um cartaz, em grande grupo, onde separámos as imagens do que devemos fazer para termos uma boa saúde e do que não devemos fazer.

No *dia 6 de janeiro de 2015*, lecionámos o segundo bloco: Diferenças entre o corpo masculino e feminino. Focámos aspetos como as diferenças visíveis entre o corpo masculino e feminino, a valorização do corpo, o saber dizer não a abordagens abusivas, os afetos e a aceitação das diferenças.

Iniciámos a intervenção com a projeção de uma história “A mamã nunca me disse”, de Babette Cole (2003), que aborda alguns dos pequenos/grandes segredos da vida, com muito humor. Seguiu-se um diálogo acerca da história e interpretação oral das imagens que a autora nos apresenta, dando especial relevância ao diapositivo que incide sobre as diferenças entre os corpos masculino e feminino. De seguida, iniciou-se um diálogo acerca das diferenças e semelhanças que existem entre meninos e meninas, de forma a se extraírem algumas conclusões.

Sintetizámos estas informações através da criação de um cartaz onde refletimos acerca das semelhanças e diferenças entre os corpos masculino e feminino. Seguiu-se a projeção de um diapositivo referente às diversas orientações sexuais que possibilitou o questionamento acerca do que é a paixão, gostar, amar, formas de demonstrar amizade, entre outros, e dialogámos de forma a educar para a prevenção de abusos. De modo a melhor se perceberem esses sentimentos, foi solicitado aos alunos que, através da expressão facial, improvisassem alguns sentimentos, tais como, estar apaixonado, estar triste, estar feliz, estar com vergonha e outros sugeridos pelos alunos.

Posteriormente, os alunos resolveram uma ficha sobre as diferenças entre o corpo feminino e o corpo masculino de forma a aplicarem os nomes corretos das diferentes partes do corpo. Uma vez que os nomes estavam lembrados, recolhemos dados, os quais foram registados no quadro, acerca das partes que os corpos têm em comum e das partes que têm diferentes. Organizámos, assim, esses dados, através da criação e análise de um Diagrama de Venn.

No *dia 7 de janeiro de 2015*, trabalhámos o terceiro bloco: Questões de género. O objetivo desta intervenção foi desconstruir alguns estereótipos e promover a igualdade de género. Assim, focámos as profissões e as funções inerentes a cada uma delas para abordar aspetos ligados a este assunto.

A intervenção teve início com um jogo de adivinhas. Projetámos imagens de profissões e os alunos tinham de descobrir para que profissão remetia cada uma das imagens e quem a poderia desempenhar, surgindo respostas muito curiosas. Seguiu-se a resolução da ficha do manual de Estudo do Meio (Lima et al., 2012) sobre as profissões e depois um jogo dramático no qual um aluno tinha de tirar um papel de um saco que continha o nome de uma profissão. Através de gestos, o aluno tinha de levar a turma a adivinhar qual era a profissão.

Para resumir a informação, criámos um cartaz onde os alunos deveriam relacionar as profissões com os utensílios utilizados em cada uma delas. Para terminar, os alunos resolveram problemas de Matemática relacionados com as referidas profissões e ouviram uma música relacionada com o tema.

Na semana seguinte à nossa última intervenção, no *dia 13 de janeiro de 2015*, foi solicitado o preenchimento do questionário (pós-teste), de forma a analisarmos a evolução das respostas dos alunos, comparando os resultados do pré-teste com os do pós-teste.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.1 Hábitos de higiene dos alunos

O 1.º Bloco: Hábitos de higiene foi aquele em que menos dúvidas surgiram por parte dos alunos, tendo sido encarado com muita naturalidade, talvez por ser um assunto abordado desde o Jardim de Infância.

No pré-teste, verificámos que a maior parte dos alunos já possuía conhecimentos e hábitos de higiene essenciais para uma vida saudável. A turma, em geral, assinalou que lava as mãos antes e depois das refeições e quando vai à casa de banho. No pós-teste, a maioria dos alunos continuou a assinalar essas respostas, revelando assim os hábitos de higiene adequados.

No que ao tomar banho se refere, as respostas dos alunos foram satisfatórias, na medida em que, aproximadamente metade da turma, em ambas as fases, mencionou que toma banho todos os dias. Um número considerável de alunos também assinalou que toma banho quando está sujo, sendo esta uma resposta aceitável, na medida que é uma prática de higiene importante.

A maioria dos alunos, no pré-teste e no pós-teste, assume que corta as unhas e que lava os dentes depois das refeições e antes de ir dormir e, em geral, possuem conhecimentos da importância destes hábitos de higiene.

Analisando as notas de campo, verificamos que os alunos atribuíram maus hábitos de higiene a pessoas que conhecem, como por exemplo: “o meu amigo do ATL, quando deixa cair a pastilha para o chão, volta a pô-la na boca! Eu não faço isso”; e, “no infantário tinha um amigo que tirava macacos do nariz e punha-os na boca”, mas nunca admitiram que eles próprios já praticaram qualquer tipo de mau hábito de higiene. Ao longo da intervenção, os alunos reconheceram e assinalaram prontamente os maus e os bons hábitos de higiene, verificando-se facilidade por parte dos alunos em relação a este bloco.

3.2 Conhecimento do seu corpo – diferenças entre o corpo masculino e o feminino

No que concerne ao 2.º Bloco: Conhecimento do seu corpo - diferenças entre o corpo masculino e o feminino, verificámos mudanças expressivas nas respostas dos alunos.

A maior parte dos alunos admitiu conhecer e gostar muito do seu corpo, tanto no pré-teste como no pós-teste. Referiu ainda que os corpos das meninas e dos meninos são diferentes, no entanto, quando pedimos que identificassem essas diferenças, a maioria referiu o “cabelo”. Este resultado é convergente com o de Fernandes (2009): os aspetos físicos são primeiramente apontados para distinguir os géneros. No pós-teste, já se verificou uma mudança assinalável nas respostas, uma vez que todos os alunos conseguiram identificar a principal diferença: o órgão genital.

No desenho do corpo masculino e feminino também houve uma evolução notória e, no pós-teste, os alunos identificaram com mais facilidade quais eram as partes constituintes de cada um dos corpos, dando mais relevância ao órgão genital. O conhecimento do corpo é fundamental para a construção do “Eu em relação” (Ministério da Educação e Ministério da Saúde, 2000, p.66), de forma a se auto valorizarem e se sentirem seguros e encorajados a fazer as suas escolhas, informadas e conscientes.

Todos os alunos, no pré-teste, se consideraram bonitos(as) e, no pós-teste, com exceção de um rapaz, a restante turma continuou a considerar-se bonito(a), assinalando também que gostava de ser como é. A grande maioria dos alunos, em ambas as fases, não mudavam nada no seu corpo.

A maior parte dos alunos não foi capaz de referir os nomes corretos dos órgãos genitais aquando do pré-teste. Dos que mencionaram um nome alternativo, quatro referiram que o órgão genital da menina é o “pipi” e cinco referiram que o nome do órgão genital do menino é a “pila”. Quando questionámos os alunos acerca dos nomes do órgão genital feminino e masculino, a reação foi de vergonha, sorrisos e uma aluna disse mesmo, “eu sei como se chamam, mas tenho vergonha de dizer!”. Aí, demos uma ajuda e dissemos nós os nomes corretos: vagina e pénis. A partir desse momento, os alunos sentiram-se mais à vontade para questionarem e expressarem as suas dúvidas. No pós-teste, a maior parte dos alunos (catorze) mencionou os nomes corretos dos órgãos genitais, masculino e feminino, sendo esta uma evolução notória e positiva.

Foi neste bloco que recolhemos mais notas de campo, devido à curiosidade e ao envolvimento dos alunos ao longo das atividades. A dada altura da intervenção uma aluna pediu para interromper e disse: “eu já sei como nascem os filhos! Nasce uma semente na barriga da mãe, a mulher vai crescendo e a semente também. Eu já perguntei mais coisas aos meus pais, mas eles dizem que sou muito nova para falarem sobre isso”. Aqui, percebemos que precisávamos de muito mais tempo para podermos falar acerca deste assunto. No entanto, não pudemos avançar mais nesta investigação, uma vez que o tempo era limitado e tínhamos que definir prioridades, optando assim pelos blocos selecionados como mais relevantes.

3.3 Questões de género

No 3.º Bloco: Questões de género, verificámos que existem ideias pré-concebidas que, mesmo após a intervenção, não mudaram, como por exemplo, a ideia de associar os carros aos meninos e as bonecas e a maquilhagem às meninas. Estes resultados vão ao encontro da perspectiva de Neves e

Ramos (2014), quando afirmam que as questões associadas aos papéis de gênero, à expressão de afetos, são “fornecidas logo com o leite materno” (p. 7), cabendo à escola ajudar e apoiar a mudança de mentalidades e a desconstrução de estereótipos.

No que às atividades que cada gênero pode desempenhar, verificamos que houve uma mudança significativa do pré-teste para o pós-teste, uma vez que a turma passou a relacionar as atividades apresentadas com ambos os gêneros, desconstruindo assim estereótipos existentes.

A ideia de que só as meninas é que podem brincar com bonecas, foi um dos estereótipos que desconstruímos, tendo-se verificado que, no pré-teste, metade da turma concordava com essa afirmação e no pós-teste já a maioria da turma discordava dela.

As atividades domésticas são frequentemente relacionadas com as mulheres, mas verificamos também que tanto os rapazes com as raparigas, no pré-teste e no pós-teste, demonstram que ajudam na sua realização.

Quando falamos a respeito das profissões, constatamos que os alunos associaram diversas profissões apenas ao gênero masculino e outras ao gênero feminino. Profissões como bombeiro, camionista e agricultor foram mais relacionadas com o gênero masculino e profissões como modelo, bailarina, bibliotecária e doméstica foram mais associadas ao gênero feminino. Essas concepções mudaram e, no pós-teste, os alunos assinalaram que todas as profissões podem ser desempenhadas tanto por homens como por mulheres.

4 CONCLUSÃO

No mundo atual, nas modernas sociedades da informação, o papel do professor mudou e este deixa de ser predominantemente um transmissor do saber, para ser um facilitador da aprendizagem, um mediador do conhecimento (Cardoso, 2000). O professor deve, pois, promover aulas dinâmicas, provocar e questionar os alunos, levando-os à investigação e depois às respostas, incitando assim o aluno a ter um papel ativo no processo de ensino-aprendizagem.

Neste pressuposto, surge o estudo sobre a abordagem pedagógica interdisciplinar da Educação Sexual em sala de aula, no 2.º ano de escolaridade, procurando perceber em que medida ela é facilitadora da aprendizagem dos alunos. As atividades desenvolvidas ao longo das intervenções, nos três blocos (higiene; conhecimento do corpo; questões de gênero) foram diversificadas, contribuindo para que, ao longo das sessões, os alunos se envolvessem de forma ativa na construção e partilha de conhecimentos, intervindo sempre que necessário e participando nas atividades propostas.

Tendo em conta a análise dos dados, podemos constatar que houve uma evolução notória nos conhecimentos dos alunos acerca da sexualidade. Do pré-teste para o pós-teste, verificou-se um progresso assinalável nas respostas dos alunos, tanto dos meninos como das meninas, mostrando que aprenderam mais acerca desta temática, o que corrobora a relevância da abordagem pedagógica interdisciplinar neste âmbito.

É, pois, fundamental que os docentes abordem a Educação Sexual desde os primeiros anos de escolaridade do ensino básico e que planifiquem as sessões de forma interdisciplinar, relacionando áreas curriculares, promovendo aprendizagens significativas nos seus alunos, sendo este o objetivo quando se leciona e a recompensa maior do trabalho do professor.

De salientar, como principal dificuldade, a falta de tempo letivo para aprofundar esta temática. Os alunos demonstraram muito interesse sobre a mesma, mas a dada altura já estavam a querer abordar outros assuntos não contemplados nas planificações das sessões, nomeadamente o tema da reprodução.

Dado que a lecionação desta temática é de caráter obrigatório, apontamos também a escassez de informação e de sugestões de atividades nos manuais de Estudo do Meio do 2.º ano de escolaridade, encontrando-se apenas informações e atividades relacionadas com o bloco da higiene e o das questões de gênero, nomeadamente no que se refere às profissões.

Como facilidades respeitantes à abordagem da Educação Sexual de forma interdisciplinar, apontamos o facto de os alunos se envolverem ativamente nas aprendizagens e demonstrarem curiosidade e interesse em saber mais. De início, muitos alunos admitiam ter vergonha em falar abertamente sobre a sexualidade, mas depois de perceberem a naturalidade com que o tema era abordado, sentiram-se à vontade para partilhar opiniões e opinar acerca dos diversos assuntos.

A Educação Sexual é uma temática que deve ser abordada de forma interdisciplinar e, devido ao vasto leque de assuntos a ela associados, é fácil relacionar as áreas curriculares e quebrar o isolamento das mesmas, olhando para o saber como um todo unificado. Esta abordagem proporciona uma melhor compreensão da realidade, facilitando a aprendizagem dos alunos.

O presente estudo foi realizado numa turma do 2.º ano de escolaridade de uma escola pública de Viseu e, por isso, as nossas conclusões não podem ser generalizadas, sem mais, a outras turmas e à população em geral, restringindo-se aos participantes do estudo.

No entanto, e dada a relevância do tema, seria importante dar continuidade a esta investigação, alargando a pesquisa a outras turmas e a outros níveis de ensino, a fim de verificar se os resultados são comparáveis aos que obtivemos. Seria também interessante abordar a perspetiva que os professores do 1.º Ciclo têm da Educação Sexual, de forma a analisar se a consideram pertinente e se a trabalham como está previsto na Lei n.º 60/2009, de 6 de agosto.

Dado ser uma temática atual e de extrema relevância para a sociedade em que vivemos, sugere-se, ainda, como futura investigação, abordar a noção de família com os alunos do 1.º Ciclo, tendo como referência a Lei n.º 2/2016, de 29 de fevereiro, que visa eliminar as discriminações no acesso à adoção entre pessoas do mesmo sexo.

É vital que a investigação prossiga, pois, de acordo com Cardoso (2014), os professores, através das investigações que efetuam, adquirem conhecimentos, desenvolvem as suas competências profissionais e tornam-se mais recetivos à inovação pedagógica, contribuindo assim para a melhoria da ação educativa.

REFERÊNCIAS

- Anderson, G., Herr, K., & Nihlen, A. (1994). *Studying your own school: An educator's guide to qualitative practitioner research*. Thousand Oaks, California: Corwin Press, Inc..
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo* (3.ª ed.). Lisboa: Edições 70.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Cardoso, A. P. (2000). *Receptividade à inovação pedagógica: O professor e o contexto escolar* (Tese de Doutoramento). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Cardoso, A. (2014). *Inovar com a investigação-ação. Desafios para a formação de professores*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Cole, B. (2003). *A mamã nunca me disse!*. Lisboa: Terramar.
- Fernandes, G. (2009). *Conceções do corpo e da identidade sexual/género em crianças do 1.º Ciclo* (Dissertação de Mestrado em Estudos da Criança, área de especialização em Promoção da Saúde e do Meio Ambiente). Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, Braga.
- Japiaussi, H. (1976). *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lei n.º 2/2016, de 29 de fevereiro – Visa eliminar as discriminações no acesso à adoção entre pessoas do mesmo sexo.
- Lei n.º 60/2009, de 6 de agosto – Estabelece o regime de aplicação da Educação Sexual em meio escolar.
- Lima, E., Barrigão, N., Pedroso N., & Rocha, V. (2012). *Alfa - Estudo do Meio*, 2.º ano. Porto: Porto Editora.
- Ministério da Educação (2001). *Gestão Curricular no 1.º Ciclo: Monodocência-coadjuvação*. Encontro de reflexão, Viseu, 2000. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento de Educação Básica.
- Ministério da Educação (2004). *Organização Curricular e Programas. 1º Ciclo Ensino Básico* (4.ª ed.). Lisboa: Editorial do Ministério da Educação: Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação e Ministério da Saúde (2000). *Educação Sexual em Meio Escolar: Linhas Orientadoras*. Lisboa: Edição do Ministério da Educação e da Saúde. Associação para o Planeamento da Família.

- Neves, R., & Ramos, S. (2014). *Educação Sexual nas escolas. Educar para prevenir – Estudo de caso*. Arquivos de Psicologia: Portal dos Psicólogos.
- Pacheco, J. A. (2001). *Currículo: Teoria e prática*. Porto: Porto Editora.
- Pardal, L., & Lopes, E. (2011). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal Editores.
- Pombo, O., Guimarães, H., & Levy, T. (1993). *A interdisciplinaridade: Reflexão e experiência*. Lisboa: Texto Editora.
- Portaria nº 196-A/2010, de 9 de abril - Procede à regulamentação da Lei n.º 60/2009, de 6 de agosto.
- Sousa, S., Gonzaga, M., Guimarães, C., & Luís, M. (s.d.). *Caderno PRESSE 1.º Ciclo*. Porto: Administração Regional de Saúde do Norte, IP., Departamento de Saúde Pública.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UID/Multi/04016/2016. Agradecemos adicionalmente ao Instituto Politécnico de Viseu e ao CI&DETS pelo apoio prestado.